

O inimigo oculto

Rodrigo Petronio

— São pré-colombianos. Precisamos limpar a área.

Prossegue uma dissertação sobre as condições específicas daquele sítio. O lavrador e sua mulher olham o rosto robusto e o movimento dos lábios do rapaz; as palavras se fundem; blocos de imagens uma hora ou outra compõem um quadro legível de sensações. Em seguida submergem em uma massa de sílabas sobrepostas.

— E a nossa casa?

O jovem lamenta com gestos brandos e some na escuridão atrás dos montes como um véu.

— Mais pra cima.

Os tratores levantam as bocas cheias de terra e placas de cal, despejam-nas nos arredores do casebre; formam uma vala com uma ilha incrustada em seu centro. O homem anda vagaroso entre os operários, velozes de um lado para outro; agacha-se perto de uma árvore; observa os aventais brancos ao vento enquanto um naco de terra escorre entre seus dedos feito areia fina. Ao longe cavalos trinam as patas na lama enrijecida, puxam os arados e somem sob a pátina em ruínas de casas caiadas amarelas e brancas. Agora são esses, os ditos que vêm me enfeitiçar e carregar minha vida. Sempre tem alguém brincando com a gente, e por trás de tudo talvez Deus deve brincar com todo mundo. Sua mulher vem com o vento à distância. O vestido esvoaça, os olhos apertados pelos infinitos grãos vermelhos; flutua como um tecido rasgando ar. Diz três palavras e carrega o esposo atrás de si. Alguns latidos, serenas brandas; o sol mingua, sustenta-se um pouco mais no horizonte. Mancha de amarelo-sangue e de tristeza a face azul do oeste.

— Preciso fazer um reparo nisso — bate com as mãos grossas nos batentes do umbral. Pisa no

pórtico da cozinha; os ferrolhos doentes e os degraus rancorosos deixam escapar alguns gemidos.

— Não precisa de mais nada. Agora não precisa de mais nada — ela responde dobrando a quina da parede em direção ao quarto do filho anoitecido.

Pelo postigo quebrado de vidro, fita em silêncio. Os homens à beira da vala tomam nota e recolhem cacos em pequenos odres de cores diferentes. É isso que eles querem? Mas não sabem direito para que querem? Ninguém consegue me explicar o porquê das coisas? O porquê de seu mistério ou de sua razão? Vai à pia e envolve carinhosamente a gamela de barro, as mãos espalmadas com toda sua superfície; entorna a água até a boca de uma caneca. Ninguém sabe de nós, aqui. O homem do governo vem e faz as suas coisas. Mas correção nem sempre é justiça. Quem nos ouvirá se a gente gritar? O advogado da cidade vai vir atrás da nossa voz? Ou vem só pra dizer que não estamos mesmo do lado da verdade? A escuridão cobre tudo. Apenas o lusco-fusco de insetos na mata forra toda a dimensão a perder de vista. Aqui é o esquecimento. Aquilo que ninguém conhece. Ninguém sabe que existe. Nem na imaginação. Não, é mais que esquecimento. É um tipo de morte. Isso. Têm muitos mortos debaixo de mim agora. Debaixo desse assoalho. Bate com os pés nas ranhuras azinhavradas e elas gemem descontínuas. Sim, estar assim. Quietos com as mãos trançadas no Joelho. Senta-se na cadeira de fôrmica, ombros retesados. Intui movimentos através do vidro, acima do forno de lenha. Esses idiotas vão continuar se mexendo como estopa? Mosquitos brancos debaixo das luzes de mercúrio. Esse tempo vai passando, a gente sente ele passar. É uma lesma. Cresce e diminui. Deixa um rastro de gosma nojenta. Assim as coisas vão se

